

SOBRE A SELEÇÃO DE ARGUMENTOS: NÚCLEOS FUNCIONAIS OU LEXICAIS?

Rafael Dias MINUSSI*

ABSTRACT: This paper aims to discuss the selection of arguments, based on the nominalizations of Hebrew, and to explain the semantic denotation of some roots (lexical heads) and some functional heads. The theoretical background of this study is the Distributed Morphology (DM) (cf. HALLE, MARANTZ 1993, MARANTZ 1997), which claims that both sentences and words are formed during the syntactic derivation. Thus, through the description of the data, we note the existence of two nominalization patterns, which have different types of restriction to the elements that accompany them. Furthermore, we reflect on a type of possible denotation for vocalic patterns and roots.

KEYWORDS: Functional heads; lexical heads, abstract roots; nominalizations, Distributed Morphology.

1. Introdução

Este trabalho, ainda em andamento, tem como objetivo maior estudar como se dá a seleção de argumentos por um núcleo e, por consequência, entender que tipo de núcleo faz a seleção de argumentos. Por sua vez, como objetivo específico dessa pesquisa, estudaremos as nominalizações do hebraico. O estudo da língua hebraica nos interessa porque tal língua apresenta um sistema de formação de palavras constituído por raízes tri-consonantais, que nos permitirão estudar os núcleos, chamados lexicais numa teoria lexicalista, além dos padrões vocálicos, responsáveis por categorizar as raízes tri-consonantais, já que estas últimas não possuem categoria. O estudo desses padrões vocálicos categorizadores permitirá que possamos entender melhor qual a contribuição semântico-sintática dos núcleos chamados funcionais. Dessa forma, por meio dos estudos desses dois tipos de núcleos levantamos uma questão principal nesse estudo: a estrutura argumental de uma determinada raiz mantém-se nos diversos contextos categoriais em que ela se encaixa?

Observemos uma raiz tri-consonantal $\sqrt{\text{gdl}}$ que pode ser alocada em diversos contextos categoriais:

(1)	$\sqrt{\text{gdl}}$ (Raiz)	
	Padrão Vocálico	Palavra formada
a)	CaCaC ¹ (v)	gadal (crescer)
b)	CiCCeC (v)	gidel (elevar, criar, cultivar (padrão causativo))
c)	hiCCiC (v)	higdil (aumentar)
d)	CaCoC (a)	gadol (grande)
e)	CoCeC (n)	godel (tamanho)
f)	miCCaC (n)	migdal (torre)
g)	CCuCa (n)	gdula (grandiosidade)
h)	CCiCa (n)	gidla (crescimento)

* Doutorando; Universidade de São Paulo. Agradeço ao CNPq pelo financiamento da pesquisa em andamento.

¹ A letra C que se encontra no padrão vocálico serve unicamente para mostrar onde serão inseridas as consoantes que formam a raiz tri-consonantal.

Podemos verificar por meio desse esquema que de acordo com o padrão vocálico recebido pela raiz, essa toma um significado, além da categoria. Desse modo, alguns autores que estudaram o hebraico (Cf. GLINERT, 1989; ARAD, 2004; MINUSSI, 2008 etc.) afirmam que as raízes do hebraico possuem um conceito e adquirem um significado próprio de acordo com o padrão vocálico que as categorizam. Bem, essa ideia pode ser relacionada à ideia de fases dentro de palavras defendida por Arad (2004) e Marantz (2001). Ambos os autores estão inseridos dentro da teoria da Morfologia Distribuída, teoria que utilizaremos como arcabouço teórico nesta pesquisa.

A Morfologia Distribuída (MD) (Cf. HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; HALLE, 1997) não prevê a existência de um léxico gerativo e um de seus pressupostos é o de que tanto palavras, quanto sentenças são formadas durante a derivação sintática, ou seja, estão sujeitas aos mesmos princípios e às mesmas operações como: *merger*, *move*, *copy* etc. Sendo assim, não há entradas lexicais formadas ao início da derivação. Essa teoria postula a existência de três Listas: Lista A, que contém as raízes abstratas² e os morfemas abstratos; a Lista B, localizada no caminho para PF, que contém o material fonológico para as raízes e morfemas, de forma que a união entre o feixe de traços e o som se dá por meio de regras, também chamadas de Itens de Vocabulário; a Lista C, também chamada de Enciclopédia, que contém os significados especiais dados contextualmente para as raízes e o conhecimento de mundo do falante. A sintaxe busca na Lista A os elementos primitivos para serem manipulados. Pode-se, portanto, colocar a questão de onde se encontram as informações, por exemplo, sobre a estrutura argumental, que em um quadro teórico como a GB, estavam localizadas nas entradas lexicais.

Ainda de acordo com o esquema em (1) percebemos que uma raiz $\sqrt{\text{gdl}}$ pode entrar em padrões vocálicos verbais, nominais e adjetivais e que essa pode entrar em mais de um padrão de mesma categoria, por exemplo, se considerarmos apenas a formação de nomes. Preliminarmente, se nossas observações estão corretas, o fato de a mesma raiz se enquadrar em mais de um padrão categorial pode sugerir que a raiz é selecionada pelo padrão e não o contrário. No entanto, qualquer conclusão é prematura.

Contudo, seria apenas um conteúdo semântico relativo ao significado que emanaria a partir dos padrões vocálicos, ou esses também conteriam informações gramaticais como, por exemplo, sobre a seleção de argumentos? Observemos agora alguns dados de verbos e suas nominalizações.

- (2) a) ha-‘ikarim gidlu ‘et ha-‘agvaniot
DEF-fazendeiros cultivaram MO DEF-tomates
‘Os fazendeiros cultivaram os tomates’
- b) *gidul* *ha-‘agvaniyot* (*‘al yedey ha-‘ikarim*)
cultivo.CS.m.sg DEF-tomates (por DEF-fazendeiros)
‘O cultivo dos tomates pelos fazendeiros’
- c) *ha-‘agvaniot gadlu*
DEF-tomates cresceram
‘Os tomates cresceram’
- d) *gdilat* *ha-‘agvaniot*
crescimento.CS.fem.sg DEF-tomates
‘O crescimento dos tomates’

² Consideramos que tanto as raízes, quanto os morfemas abstratos não possuem conteúdo fonológico, de forma que ambos estarão condicionados ao princípio de Inserção Tardia.

Em 0a), temos uma sentença transitiva, na qual temos a raiz $\sqrt{\text{gdl}}$ alocada em um padrão vocálico verbal agentivo, que permite, portanto, a presença de um agente. Já em (2)b) temos uma nominalização correspondente ao padrão verbal agentivo e que permite, como no observamos no padrão vocálico verbal, a presença de um agente. Assim sendo, em (2)c) temos uma sentença com a mesma raiz $\sqrt{\text{gdl}}$ alocada em um padrão vocálico verbal, mas não agentivo, de modo que não necessitamos de um agente. De modo paralelo, temos em (2)d) uma nominalização correspondente ao padrão verbal, de modo que tal nominalização não permite a inserção do agente. Ora, por meio desses dados, podemos começar a hipotetizar que, se temos uma mudança na estrutura argumental dos itens, quando esses são alocados em diferentes padrões verbais ou nominais, a informação sobre a estrutura argumental deve estar contida no item que varia, ou seja, nos núcleos funcionais, aqui expressos pelo conjunto vocálico e não nas raízes, consideradas itens de natureza lexical.

Além disso, podemos observar a existência de padrões vocálicos especializados em nominalizações e que contribuem com informações gramaticais, além de informações semânticas para o significado das palavras formadas.

Dessa forma, na próxima seção, investigaremos a natureza desses itens funcionais: i) quantos são?; ii) que tipo de informação semântica eles possuem? e iii) verificar se há um paralelo entre os padrões verbais e suas nominalizações: seriam as nominalizações originadas a partir dos padrões verbais? Há resquícios morfológicos nos padrões nominais de padrões verbais?

2. Os padrões vocálicos do hebraico

Como já dissemos brevemente na seção anterior, o hebraico é uma língua, tal que a estrutura das palavras pode ser decomposta em raízes consonantais e padrões vocálicos. Segundo Arad (2004), a maioria das raízes contém três consoantes, aqui representadas como $\sqrt{\text{CCC}}$. Uma raiz consonantal não pode ser pronunciada sozinha. Isso só é possível se as raízes são alocadas de forma descontínua dentro dos padrões vocálicos. Esses padrões vocálicos são combinações de vogais e segundo os estudiosos do hebraico são atômicos, ou seja, indivisíveis. Há combinações de vogais que dão origem a verbos, a nomes e adjetivos. Nas próximas seções iremos discutir dois tipos de padrões que o hebraico apresenta: os padrões para verbos e os padrões para nomes.

2.1 Os padrões verbais do hebraico

De acordo com os alguns especialistas (Cf. ARAD (2004), GLINERT (1989), BATEL (1994, 2001), DORON (2003)), o hebraico possui exatos sete padrões de combinação vocálica para os verbos. Tais padrões são chamados em hebraico de *binyanim*. Na tabela 1, podemos observar os padrões, algumas raízes em que eles são alocados e o significado do verbo formado.

RAIZ	Forma morfo-fonológica do padrão		Verbo	
√lmd	1	CaCaC	lamad	estudar
√lmd	2 ³	niCCaC	nilmad	ser estudado
√spr	3	CiCeC	siper	dizer/narrar
√spr	4	CuCaC	supar	ser dito/narrado
√qlt	5	hiCCiC	hiqlit	gravar
√qlt	6	huCCaC	huqlat	ser gravado
√pll	7	hitCaCeC	hitpalel	rezar

Fig. 1 – Padrões verbais do hebraico⁴.

O padrão verbal 1 é um padrão de voz ativa. Já o padrão 2 é um padrão de voz passiva relacionado ao padrão 1, isto é, as raízes que podem ser alocadas no padrão 1 são alocadas no padrão 2, quando ocorrem na voz passiva. Por sua vez, o padrão 3 é um padrão de voz ativa e é considerado causativo. Já o padrão 4 está relacionado ao padrão 3, porém é um padrão de voz passiva. O padrão 5 é um padrão de voz ativa e o padrão 6 é sua contraparte na voz passiva. Por fim, o padrão 7 é um padrão que forma verbos com significado reflexivo e também um padrão de voz média.

Arad (2004) atenta para a questão dos traços presentes nas categorias de *v*, isto é, os traços de tempo, concordância ou voz, fazem parte do padrão vocálico? A autora tenta relacionar voz à melodia vocálica dos padrões: os padrões não passivos estariam relacionados com a melodia *a/a*, *a/e* ou *i/e* e todos os padrões passivos (4 e 6) estão associados com a melodia *u/a*. Como argumento para este fato, Arad (2004) mostra que esta melodia vocálica dita passiva, também está presente nas formas derivadas de verbos, tais como os participípios, com o mesmo significado de voz passiva. Vejamos o paralelo entre os participípios ativos e passivos em (3):

(3)	Participípios ativos	Participípios passivos
a)	šomer (√šmr.guardador.P1)	šamur (√šmr.guardado.P1)
b)	mexanex (√xnk.educador.P3)	mexunax (√xnk.educado.P4)
c)	magbil (√gbl.limitante.P5)	mugbal (√gbl.limitado.P6)

2.2 Os padrões nominais do hebraico

Ao falar dos padrões vocálicos nominais, chamados em hebraico de *mishqalim*, Arad (2004) defende que exista uma assimetria nome-verbo no hebraico. Arad diz que os nomes devem ser separados em dois grupos: os que podem ser alocados em um *mishqal* (um padrão vocálico nominal) e os que não podem ser alocados em um *mishqal*. Uma primeira diferença

³ Segundo Arad (2004), o padrão 2 não é um padrão exclusivamente passivo, eles podem hospedar verbos inacusativos, inergativos e verbos com complemento oblíquo.

⁴ Tabela adaptada de Arad (2004, p. 47).

entre os padrões nominais e verbais diz respeito ao número, isto é, enquanto os padrões verbais são restritos a sete, os padrões nominais são numerosos. Glinert (1989) traz uma lista de mais trinta padrões. Além disso, segundo Arad, eles podem ser divididos entre padrões que: (i) não possuem afixos (4)a-b); (ii) com prefixo (4)c-d); (iii) com sufixo (4)e-f) e (iv) com prefixo e sufixo ao mesmo tempo (4)g-h). Vejamos alguns exemplos de padrões nominais.

- (4)
- a) **CaCiC**: parit (item), karix (sanduíche), qatin (menor)
 - b) **CCiC**: qfic (acento), blil (mistura), ktiv (escrita, caligrafia)
 - c) **miCCaC**: miqlat (abrigo), mišpat (julgamento, processo), mištar (regime)
 - d) **maCCeC**: maxšev (computador), mašder (transmissor), maqlet (receptor)
 - e) **CCiCut**: eniʔut (modéstia), šlixut (missão), šxitut (corrupção)
 - f) **CCiCa⁵**: sviva (ambiente), glida (sorvete), šqiʔa (pôr do sol)
 - g) **miCCaCa**: mištara (polícia), migbala (limitação), milxama (guerra)
 - h) **taCCuCa**: taʔmula (*lobbying*), taxbula (truque), taʔvura (transporte)

Como podemos notar, já há problemas quanto a separação feita por Arad (2004), pois alguns padrões estão agrupados erradamente. O padrão em (4)f não possui um sufixo como parte do *template* e o padrão em (4)g parece não ser formado por prefixo e sufixo ao mesmo tempo. Além disso, não deve parecer estranho, ou não deve ser levado em conta como diferença, a presença de afixos nos padrões nominais, pois podemos também encontrar afixos nos padrões vocálicos verbais (padrões 2, 5, 6 e 7 acima).

Arad ainda cita nomes que não possuem nenhum padrão, são aqueles chamados de não-*mishqal*, como podemos observar em (5):

- (5)
- a) *bdolax* 'cristal'
 - b) *sus* 'cavalo'
 - c) *tarnegol* 'galo'
 - d) *zug* 'par, casal, dupla'
 - e) *melafefon* 'pepino'
 - f) *psefas* 'mosaico'

Contudo, a maioria dos nomes que não se enquadram em nenhum padrão é emprestada, seja de línguas latinas, do grego ou mesmo do hebraico bíblico e de outras línguas semíticas.

Se tomarmos outro autor que tenha descrito os padrões nominais do hebraico, como o gramático Glinert (1989), encontraremos uma descrição bem mais detalhada e pormenorizada dos *mishqalim*. O autor, por exemplo, cita cerca de 30 tipos de combinação de vogais, como já dissemos anteriormente, com e sem afixos e, diferentemente de Arad (2004), faz algumas generalizações quanto ao significado desses padrões.

Ao observarmos os dados de nominalizações agentivas, como em (2)b e (2)d), notaremos que essas se enquadram nos padrões 1 e 2, para os nominais, segundo a classificação de Glinert (1989).

⁵ Arad (2004) coloca este padrão entre os que possuem sufixo, apesar da ausência do prefixo nos dados trazidos pela autora. Contudo, mantive a separação da autora.

- (6) **CCiCa**
- | | | |
|----|----------------|---------------|
| a) | <i>mexina</i> | ‘apagamento’ |
| b) | <i>harisat</i> | ‘destruição’ |
| c) | <i>sgira</i> | ‘fechamento’ |
| d) | <i>štifa</i> | ‘enxágüe’ |
| e) | <i>pšita</i> | ‘esticação’ |
| f) | <i>bxira</i> | ‘seleção’ |
| g) | <i>gdila</i> | ‘crescimento’ |
- (7) **CiCuC**
- | | | |
|----|--------------|-----------------------|
| a) | <i>ibud</i> | ‘processamento’ |
| b) | <i>gidul</i> | ‘crescimento/cultivo’ |
| c) | <i>sikum</i> | ‘reabilitação’ |

Os padrões 1 e 2 dos nominais, segundo Glinert (1989), contêm um grande número de nomes e são padrões atualmente produtivos, sendo o padrão 2 ainda mais produtivo. No padrão 1 encontramos como significado principal “agente humano”, especialmente profissões e ocasionalmente “instrumento” (exemplos em (8) e (9))

- (8) **CoCeC**
- | | | |
|----|----------------|---------------|
| a) | <i>rofe</i> | ‘médico’ |
| b) | <i>motsets</i> | ‘pacificador’ |
- (9) **meCaCeC**
- | | | |
|----|-----------------|--------------|
| a) | <i>meHaneH</i> | ‘educador’ |
| b) | <i>meHashev</i> | ‘calculador’ |

O padrão 2 tem o significado geral definido por Glinert (1989) como ‘ação’ ou ‘resultado (concreto ou abstrato) da ação’. Esse padrão se subdivide em cinco *mishqalim*.

- (10) **CCiCa** é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 1 de verbos.
bHina ‘exame’, ‘examinação’
- (11) **hiCaCCut** é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 2 de verbos.
hidabrut ‘diálogo’
- (12) **CiCuC** é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 3 de verbo.
tipul ‘tratamento’
- (13) **hitCaCCut** é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 7 de verbos.
hitbagrut ‘maturação’, ‘amadurecimento’
- (14) **haCCaCa** é mais comum com raízes que podem entrar no padrão 5 de verbos.
hagra ‘rifa’, ‘sorteio’

Percebemos pelo trabalho de Glinert (1989) que o autor sugere que exista uma correspondência entre os padrões verbais e as nominalizações formadas a partir de um determinado padrão verbal, porém o autor não aprofunda sua análise, de modo a mostrar que tal correspondência possui evidências sintáticas, semânticas ou morfológicas.

Ainda sobre os padrões vocálicos, podemos citar o trabalho de Bat-El (2001), o qual faz uma defesa das raízes e dos padrões vocálicos, seja de verbos ou de nomes, como morfemas separados. A sugestão de distinção morfológica entre as raízes e os padrões é bastante interessante para este trabalho, uma vez que podemos traçar um paralelo entre as raízes hebraicas e as raízes abstratas propostas pela MD⁶ (Cf. HALLE & MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997; ARAD, 2004) de um lado, e podemos aproximar os padrões vocálicos aos núcleos funcionais categorizadores presentes na Lista A, por outro lado.

Bat-El (2001) ressalta três tipos de padrões nominais. Vejamos a Figura 2 abaixo:

RAIZ PADRÃO	KL T	SGR	KNS
CiCuC			kinus 'convenção'
CéCeC	kélet 'entrada'	séger 'oclusão'	kénes 'conferência'
CCiCa	klita 'absorção'	sgira 'encerramento' 'fechamento'	knisa 'ingresso'

Fig. 2 – Padrões nominais Bat-El (2001).

Contudo, a autora, assim como outros autores, diz pouco sobre a semântica dos padrões nominais. Na seção a seguir, mostraremos que o uso de um ou de outro padrão nominal pode provocar algumas diferenças na modificação do sintagma nominal, além de restrições em relação ao movimento dos nomes. Dessa forma, defendemos que os padrões nominais, primeiramente, podem ser estudados assim como os padrões verbais; em segundo lugar, que os padrões nominais, assim como os verbais, contêm traços abstratos também e não são apenas meros categorizadores.

3. Efeitos e restrições dos padrões nominais

Esta seção possui como ponto principal defender que os diferentes *mishqalim* interferem nos aspectos semânticos e sintáticos do sintagma nominal, contra Arad (2004), a qual argumenta em favor do fato de os *mishqalim* não colocarem nenhuma restrição sobre os nomes em que aparecem. Para tanto, trataremos uma discussão sobre modificação adverbial e adjetival nos sintagmas nominais.

Os argumentos das nominalizações do hebraico podem aparecer de duas formas. Em (15)a), temos uma nominalização em um *Construct State* (CS) e com seu argumento interno marcado pela Marca Diferencial de Objeto 'et (MO), também considerada por alguns autores como Caso acusativo. Já em (15)b), temos a mesma nominalização em um CS, com seu argumento na posição de segundo membro do construto (posição do membro associado) e com o sujeito da nominalização introduzido por uma *by-phrase*.

⁶ O fato de defender que as raízes abstratas equivalham às raízes hebraicas não implica dizer que para cada raiz abstrata da Lista A exista uma raiz hebraica equivalente (Cf. MINUSSI, 2008), mas que as raízes hebraicas equivalem a certa raiz abstrata da Lista A.

- (15) a) *sgirat* *ha-mankal* 'et *ha-misrad*
 fechamento.CS.f.sg DEF-diretor MO DEF-escritório
 'O fechamento do escritório pelo diretor'
- b) *sgirat* *ha-misrad* (*alyedey* *ha-mankal*)
 fechamento.CS.f.sg DEF-escritório prep DEF-diretor
 'O fechamento do escritório pelo diretor'

Segundo Hazout (1995), a principal característica das nominalizações ligada às suas propriedades verbais, além do fato de as nominalizações permitirem a modificação por advérbios, diz respeito à marcação de Caso acusativo no seu argumento interno. Em geral, o núcleo nominalizado manifesta a mesma estrutura argumental do verbo correspondente. Assim, um requerimento arbitrário é feito pelo verbo que pede certo tipo de preposição semanticamente vazia, por exemplo, a preposição *min* em (16).

- (16) a) *Dan histalek min ha-misra*
 Dan partiu de DEF-posição
 'Dan se demitiu da posição'
- b) *histalkut-o šel Dan min ha-misra*
 partindo-seu de Dan de DEF-posição
 'A demissão de Dan da posição'

No que se refere à modificação adverbial, Hazout sugere que os advérbios que ocorrem nas construções com nominalizações não são licenciados simplesmente pela interpretação de processo ou de ação associada com tais construções, mas são condicionados sintaticamente. Isso quer dizer que um advérbio só pode aparecer se ele estiver de acordo com todo o sistema requerido pelo verbo correspondente ao nome que ele acompanha. Em (17)b), a nominalização aparece sem um argumento.

- (17) a) *ha-harisa nimšexa šaatayim*
 DEF-destruição durou duas horas
 'a destruição durou duas horas'
- b) **ha-harisa be-axzariyut*
 DEF-destruição em-crueldade (=cruelmente)

Se considerarmos os tipos de advérbios que são admitidos, observaremos que advérbios sentenciais são excluídos, como vemos em (18).

- (18) a) *lelo safek Dan katav 'et ha-avoda*
 duvidosamente Dan escreveu ACC DEF-trabalho
 'Duvidosamente Dan escreveu o trabalho'
- b) **ktivat Dan 'et ha-avoda lelo safek*
 escrita.CS Dan ACC DEF-trabalho duvidosamente

A afirmação de que a distribuição dos advérbios nas nominalizações do hebraico é sintática, em vez de semanticamente determinada, apóia-se, em primeiro lugar, no fato de que adjetivos podem seguir o núcleo em construções genitivas com a preposição e advérbios não podem.

- (19) a) *axilat-o* *ha-menumsetšel* *Dan* 'et *ha-uga*
comida-seu DEF-polida de Dan ACC DEF-bolo
'a "começão" polida de Dan do bolo'
b) **axilat-o* *be-nimus* *šel Dan* 'et *ha-uga*
comida-seu em-polidez(=polidamente) de Dan ACC DEF-bolo

Outro fato que chama a atenção, é que adjetivos, ao contrário de advérbios, são ruins em posição final.

- (20) a) *ktivat* *Dan* 'et *ha-avoda* *bi-mehirut*
escrita.CS Dan ACC DEF-trabalho em-rápidez
'a escrita do trabalho por Dan rapidamente'
b) **ktivat* *Dan* 'et *ha-avoda* *ha-mehira*
escrita.CS Dan ACC DEF-trabalho DEF-rápida

Resumindo, para Hazout, os fatos observados indicam que a configuração subjacente destas construções envolve a distinção entre um domínio verbal, que permite a ocorrência de advérbios e excluem adjetivos e, controversamente, um domínio nominal que permite a ocorrência de adjetivos e exclui advérbios. Hazout (1995) se insere dentro de uma tradição lexicalista que prevê a existência de um léxico e que também deriva certas propriedades das nominalizações, como a modificação adverbial, postulando a presença de um nível verbal nas nominalizações. Contudo, para uma teoria como a MD, a postulação de um nível verbal não é necessária, embora ainda muito utilizada.

Voltemos um pouco a discussão para o ponto em que fizemos a distinção das duas formas em que podem aparecer os argumentos das nominalizações. No que diz respeito à modificação por advérbios e adjetivos, a construção com *by-phrase* é possível com ambos, como podemos observar nos exemplos em (21).

- (21) a) *ibud* *ha-kolot* *yadanit* *alyedey*
processamento.CS.masc.sg DEF-votos manualmente prep
ha-mumxim
DEF-peritos
'O processamento manual dos votos pelos peritos'
b) *ibud* *ha-kolot* *ha-yadani* *alyedey*
processamento.CS.masc.sg DEF-votos DEF-manual prep
ha-mumxim
DEF-peritos
'O processamento manual dos votos pelos peritos'

Ao analisarmos a modificação neste tipo de construção, verificamos que, diferentemente da construção com *alyedey* 'por', a construção em que a MO ocorre não é possível com advérbios, como vemos em (22)b).

- (22) a) *mexikat* *ha-maxšev* 'et *ha-kvacim*
apagamento.CS.fem.sg DEF-computador MO DEF-arquivos
bi-mhirut
em-rapidez
'O apagamento dos arquivos pelo computador com rapidez'
b) **mexikat* *ha-maxšev* 'et *ha-kvacim*

RAIZ [p][n][y]		'frente' / 'fronfe'	
	ATIVA	PASSIVA	MÉDIA
SIMPLES	pana	-----	nifna
INTENSIVO	pina	puna	Hitpana
CAUSATIVO	hifna	hufna	-----

Fig. 3 – Padrões vocálicos segundo Doron (2003).

Por meio da análise exaustiva dos padrões do hebraico, Doron (2003) argumenta que todos os verbos são construídos na sintaxe por meio da combinação da raiz com diferentes núcleos ι e γ , os quais, em um primeiro momento, determinam se o verbo será de ação, de causação, ou não classificado para essas dimensões; e, em segundo lugar, esses núcleos determinarão a introdução do argumento externo. A derivação pode conter também núcleos *voice*. Como já vimos anteriormente, há dois núcleos *voice*: o passivo π e o núcleo de voz média μ . A falta de um núcleo *voice* na derivação é interpretada *by default* como voz ativa.

Nessa teoria, quanto mais local for a combinação dos núcleos, mais idiomático será o significado encontrado. Por exemplo, o núcleo agentivo ι se combina diretamente com a raiz, enquanto um núcleo causativo γ se combina com a raiz mais seu argumento.

O significado de uma raiz é mais idiossincrático ao ser combinado com o padrão *intensivo* ou *médio*, que ao ser combinado com padrão *causativo* ou *passivo*. Assim, temos o resumo dos tipos de padrão e seus traços em (24).

(24) Padrões	Traços <i>default</i>
INTENSIVO	[+ ι] +ação, se combina diretamente a com raiz;
CAUSATIVO	[+ γ] +argumento externo, se combina com a raiz e argumento;
SIMPLES	[- ι - γ] –ação e – argumento externo.

A autora adota a idéia de que o argumento externo de um verbo é introduzido por um núcleo separado. Por sua vez, o argumento interno pode ser argumento da raiz R. Semanticamente, uma raiz R denota tanto uma propriedade de eventualidade $\lambda e[R(e)]$ ou uma relação entre indivíduos e eventualidades $\lambda x\lambda e[R(e,x)]$. O núcleo ν relaciona uma eventualidade ao seu agente (mais precisamente um proto agente) $\lambda y\lambda e[\text{Agente}(e,y)]$. O núcleo ι classifica a eventualidade como um ação $\iota = \lambda e[Ação(e)]$. O núcleo de agentividade γ relaciona uma eventualidade com sua causa $\gamma = \lambda y\lambda e[Cause(e,y)]$.

A figura 4 resume o que vimos no parágrafo anterior.

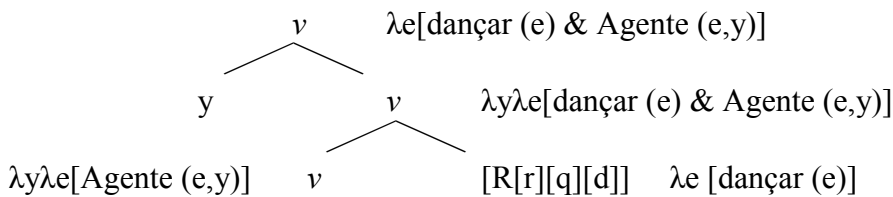
Núcleo agentivo	Denotação	Padrão <i>default</i>	Licenciado de ν
-----	-----	SIMPLES	Depende da RAIZ
ι	$\lambda e[Ação(e)]$	INTENSIVO	Licencia
γ	$\lambda y\lambda e[Cause(e,y)]$	CAUSATIVO	Não licencia

Fig. 4 – Denotação dos núcleos agentivos.

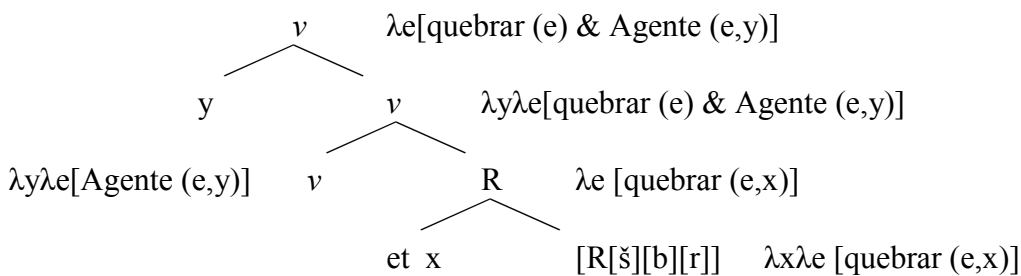
Tendo refletido sobre a teoria de Doron (2003), vejamos alguns exemplos de sua teoria colocada em funcionamento.

Como foi formulado na Figura 4, quem determina se o verbo simples contém, ou não o v é a raiz. Em (25) e (26), temos dois exemplos de raízes alocadas em um padrão simples que licenciam o v .

- (25) y raqad
 y dançar.simples ‘y dançou’



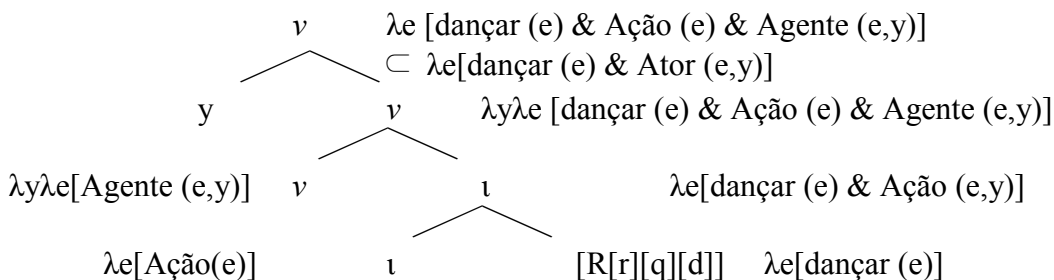
- (26) y šavar
 y quebrar.simples et x ACC x ‘y quebrou x’



Além dos fatos ressaltados acima, podemos perceber pelas denotações que, com o trabalho de Doron (2003), surge uma nova hipótese para a questão da seleção/licenciamento dos argumentos: a informação sobre os argumentos pode estar contida tanto na raiz, quanto nos núcleos funcionais.

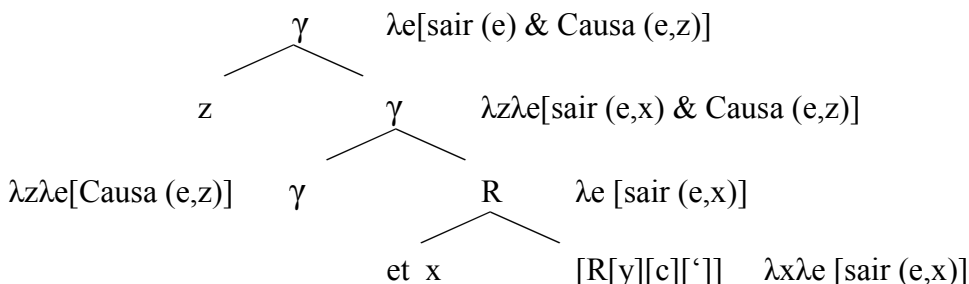
Seguindo a argumentação da autora, o núcleo v , por outro lado, licencia v seja a raiz permitindo ou não o licenciamento. A partir de um requerimento familiar, aquele que diz que o papel de Agente é atribuído no máximo uma vez por evento, o Agente em (25) e (26) será o mesmo que o ator no verbo intensivo correspondente em (27).

- (27) y riqed
 y dançar.INTENSIVO ‘y dançou ativamente’



O núcleo γ não licencia v e o papel temático introduzido é Causa, que para a autora se difere de Agente. O argumento de γ é sempre um argumento diferente do sujeito do verbo simples.

z hoci et x
 z sair.CAUSATIVO ACC x 'z levou para fora x'



5. Conclusões parciais

Neste trabalho, buscamos discutir quais as informações gramaticais, semânticas e principalmente selecionais, estão presentes em dois tipos de núcleos da língua hebraica: (i) os padrões vocálicos, ditos núcleos funcionais e (ii) as raízes, tidas como núcleos lexicais.

Por meio da descrição dos dados das nominalizações do hebraico, pudemos notar a existência de pelo menos dois padrões de nominalização, os quais possuem tipos de restrição diferentes para os elementos que os acompanham, e contrariando autores como Arad (2004), os padrões nominais possuem algumas restrições e podem ser considerados núcleos gramaticais assim como os padrões verbais o são.

Por meio do trabalho de Doron (2003), refletimos sobre um tipo de denotação possível para os padrões vocálicos e para as raízes, ressaltando o fato de que, para a autora, ambos os núcleos podem selecionar argumentos.

A presente pesquisa está em andamento e o próximo passo será investigar outros núcleos nominalizadores, além de, partindo da proposta de Doron (2003) e dos núcleos funcionais por ela identificados, propor uma estrutura para as nominalizações.

Referências

- ARAD, Maya. *Roots and Patterns*. Stanford University, 2004. (manuscrito)
- BAT-EL, Outi. In search for the roots of the C-root: The essence of Semitic morphology. *The Workshop on Roots and Template Morphology*. Los Angeles: USC, 2001. Disponível em http://www.tau.ac.il/~obatel/bat-el_2001_c_root.pdf. Acesso em 10/08/2009.
- _____. Stem Modification and Cluster Transfer in Modern Hebrew. In: *Natural Language and Linguistic Theory* 12, p. 571- 596, 1994.
- ENGELHARDT, Miriam. *The Syntax of Nominalized Properties*. Doctoral dissertation, The Hebrew University of Jerusalem, 1998.
- GLINERT, Lewis. *The Grammar of Modern Hebrew*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.
- HALLE, M. Distributed Morphology: Impoverishment and Fission. In: *MIT Working Papers in Linguistics* 30, p. 425-439, 1997.

- HALLE, M.; A. MARANTZ. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. (eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvian Bromberger*. MITPress, Cambridge, MA, p. 111-176, 1993.
- HAZOUT, Ilan. Action nominalizations and the lexicalist hypothesis. *Natural Language and Linguistic Theory*. Kluwer Academic Publishers, p. 355-404, 1995.
- MARANTZ, Alec. *Words*, 2001. Disponível em:
<<http://www.lot.let.uu.nl/zs2001/papersMarantz/WCCFL.doc>>. Acesso em: 14 out. 2007.
- _____. No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon. In: A. Dimitriadis, L. Siegel, C. Surek-Clark & A. Williams, Proceedings of the 21st Penn Linguistics Colloquium. In: *Working Papers in Linguistics*, Philadelphia, p. 201-225, 1997.
- MINUSSI, Rafael Dias. *A relação entre Caso e definitude no hebraico: o Construct State e a marcação diferencial de objeto*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, 2008.
- SILONI, Tal. *Noun Phrases and Nominalizations: The syntax of DPs*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997.